



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

As interjeições nas “tiras em quadrinhos”: uma reflexão semântico-pragmática

Simone Aparecida Tomazetto
Mestranda da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Brasil
E-mail: simo0223@hotmail.com

Profª. Drª. Clarice Nadir Von Borstel (Orientadora)
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Brasil

Resumo: O presente estudo pretende compreender o uso das interjeições no gênero textual conhecidos por “tiras em quadrinhos”. A intenção deste estudo é trazer considerações que podem contribuir com as proposições da forma linguística sobre o uso das interjeições como atos expressivos, caracterizando os sentidos da semântica, da interpretação pragmática na utilização dos enunciados linguísticos, discursivos nas “tiras em quadrinhos”. Optou-se em estudar as interjeições presentes nas “tiras em quadrinhos” pelas colocações feitas ao ensino gramatical, pois, normalmente, rotulam que as aulas de interjeições são pouco criativas. O objetivo desse estudo é mostrar como as aulas de interjeições podem constituir-se num momento de prazer e conhecimento, uma forma de entretenimento, reflexão, informação ou até mesmo uma forma de expressividade linguístico-discursiva, quando se articula com o gênero discursivo “tiras em quadrinhos”. Espera-se que este estudo forneça subsídios aos professores para que possam planejar atividades pedagógicas, utilizando esse gênero textual “tira em quadrinhos” em sala de aula, de uma maneira mais abrangente e enriquecedora.

Palavras-chave: semântica argumentativa, interjeição, tiras em quadrinhos.

INTRODUÇÃO

Sendo a Linguística uma ciência que há muito vem contribuindo para a desmistificação das formas de fatos da língua materna no contexto escolar, se faz necessário que pesquisas neste campo sejam realizadas sob a luz do conhecimento linguístico, essenciais ao desencadeamento de uma ação educativa eficiente e comprometida com os anseios dos alunos.

Tendo em vista objetivos e desafios em nossa vivência de professores de Língua Portuguesa, é que se volta a olhar para as interjeições e as locuções interjetivas caracterizando os sentidos da semântica e de estudos da pragmática, interpretando a linguagem utilizada no gênero textual “tiras em quadrinhos”.

A intenção deste estudo é trazer considerações que podem contribuir com as proposições da forma linguística, da semântica e da pragmática sobre o uso das interjeições e locuções interjetivas, utilizando o gênero textual “tiras em quadrinhos”, proporcionando aos alunos a oportunidade deste estudo como forma de conhecimento, entretenimento, reflexão, informação ou até mesmo emoção.

As interjeições são altamente dependentes do contexto, e, muitas vezes, se apresentam isenta de significado lexical, mas expressam valores pragmáticos que são largamente empregadas nos textos visuais e não verbais e por meio das imagens pode-se perceber os estados emotivos ou os atos expressivos (recursos prosódicos) dos personagens através de sua representação na linguagem.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo mostrar ao docente e ao aluno a situação ensino-aprendizagem, para poder ter resultados na interação comunicativa nos estudo sobre a língua materna no ensino aprendizagem, é necessário que o aluno conheça e identifique os vários recursos visuais, verbais e não verbais presentes no gênero textual “tiras em quadrinhos”.

1. LÍNGUA ENQUANTO INTERJEIÇÃO E LINGUAGEM ENQUANTO USO

O estudo da gramática normativa é um dos meios de conhecer a norma culta e a língua padrão. Esse conhecimento é a principal forma dos alunos terem acesso ao dialeto valorizado em diversas situações buscando a formação de usuários competentes da língua e capazes de usá-la de modo adequado a cada situação de interação comunicativa.

Travaglia (2004) assume sempre a postura de que, no ensino de língua materna, é possível “ensinar a língua, o que resulta em habilidades de uso da língua”, habilidade no sentido de dominar e, ter competência comunicativa e conseguir interagir conforme a situação necessária e ocasional. E “ensinar sobre a língua, o que resulta em conhecimento teórico (descritivo e explicativo) sobre a língua e pode desenvolver a habilidade de análise de fatos da língua” (TRAVAGLIA, 2007, p. 77), conhecimento teórico no sentido de ter percepção sendo um conhecedor, formador de opinião, analista e crítico.

A língua neste estudo é concebida como um instrumento de comunicação e interação verbal, estruturada em torno de regras, normas e convenções. Em geral, o tratamento dado à interjeição pelas gramáticas é pouco e sucinto. É comum encontrar a descrição de exemplos classificados pela função discursiva da linha da “emocionalidade”.

Conforme Marcurchi (2007) aponta em um de seus estudos, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (1985, p. 77), após introduzirem as classes de palavras, subdivididas em “morfemas lexicais” (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios de modo) e os “morfemas gramaticais” (artigos, pronomes, numerais, preposições, conjunções, outros advérbios), os autores acrescentam que: “a interjeição, vocábulo-frase, fica excluída de qualquer classificação.” Mais adiante os autores dedicam uma página à interjeição, definindo-a como “uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções” (CUNHA; CINTRA, 1985, p.577). Os autores colocam implicitamente, a interjeição no contexto de fala, quando informam que o valor da interjeição “depende fundamentalmente do contexto e da entonação (MARCUSCHI, 2007, p. 134).

Para Schneider (1977), “a interjeição não é uma classe de vocábulos, seria apenas um elemento da linguagem emotiva e não da linguagem intelectual” (SCHNEIDER, 1977, apud TRAVAGLIA, 2004, p.91).

Para Marcuschi (2007), as interjeições são “gramaticalmente periféricas no sentido de que não entram em construções com outras classes de palavras e são apenas frouxamente conectadas às frases com as quais elas parecem estar ortograficamente ou fonologicamente associadas” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

A expressão “ortográfica e fonologicamente associadas”, usada acima, sugere que as interjeições não sejam parte integrante do sistema linguístico. Para o autor, há duas razões para excluí-las da análise linguística:

- a. Não se integram à sintaxe das frases;
- b. Não são palavras da língua.

Com isso, a interjeição recebe uma liberdade inestruturada para uso expressivo de vocalizações na conversação, recebendo com isto o lugar específico na conversação.

A interjeição é situada no espaço discursivo que Marcuschi (2007) definiu como a pragmática da comunicação. Para este autor, a pragmática é “um estudo da linguagem com as funções comunicativas” (MARCUSCHI, 2007, p. 135), dividindo o trabalho entre a gramática e a pragmática, ou seja, a língua enquanto interjeição e a linguagem enquanto uso. Para Marcuschi (2007), ainda, “a contribuição das interjeições da gramática para o processo comunicativo atinge o seu mínimo, não obstante sua relativa frequência na conversação” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

Nos estudos realizados por Marcuschi (2007) o autor referencia Ehlich (1986), para verificar sua posição a respeito das interjeições:

O tratamento linguístico das interjeições exige uma análise formal e funcional combinada. Deveria ser realizada em expressões individuais. Afim de não fazer da interpretação tradicional ligada à emoção um ponto de partida prejudicial, trato aqui uma interjeição que por longo tempo sequer foi reconhecida com tal (EHLICH, 1986, p. 31 apud MARCUSCHI, 2007, p. 136).

Ehlich vê a interjeição como a expressão gráfica da expressão emotiva, o critério utilizado foi a função emocional, sobre a qual o autor propõe uma mudança nessa perspectiva de abordagem.

As interjeições são um fenômeno linguístico universal do ponto de vista de sua materialidade e do ponto de vista de sua funcionalidade comunicativa. Além disso, a interjeição é um signo arbitrário que se torna convencional mediante seu uso intencional. Não é apenas uma simples imitação de sons onomatopéicos, ela se situa no contexto da língua de tal modo que os fonemas que constituem as interjeições são os mais comuns da língua portuguesa. Interjeições como “ah!”, “ih!”, “pô!”, não obedecem ao princípio de dupla articulação e se articulam

fonologicamente, permanecendo dessa maneira isoladas do ponto de vista morfossintático.

Marcuschi (2007) diria que, “se por um lado a interjeição parece formar uma classe de palavras, por outro, serve-se de elementos linguísticos pré-existentes e pertencentes a outras classes de palavras” (MARCUSCHI, 2007, p. 138). Assim, parece correto admitir que a interjeição não forma classe de palavras e sim classes de funções discursivas com características bastante discursivas, como os marcadores conversacionais e as hesitações. Certamente, o tratamento dado às interjeições quanto a de serem ou não uma classe de palavras é uma das questões menos relevantes, sendo que suas características não residem na sua classe gramatical e sim na sua função discursiva.

A maioria dos autores concorda em um ponto, que as interjeições constituem unidades lexicais pré-existentes na língua, como expressões como *pfui*, *pô*, *ôba*, *êpa*, *óh*, *chí*, *bá*, *eita* e outras. Trata-se de um tema muito particular e presente em todas as línguas, com características semelhantes. São sons adequados para expressar intenções de forma imediata, situando à interjeição sempre em contexto de vivacidade e reproduzindo momentos de uma posição pessoal. Dessa forma, a interjeição se vincula a gêneros textuais mais espontâneos como é o caso das “tiras em quadrinhos”, em que o envolvimento das interjeições é maior do que a informação.

Para Marcuschi (2007), “as interjeições são fenômenos essencialmente discursivos e nesta perspectiva acham-se perfeitamente integradas na estrutura ilocucional do texto” (MARCUSCHI, 2007, p. 140), revelando, sobretudo uma postura pessoal e os traços de decisão dos interlocutores quanto às suas intenções e não simples questão de emocionalidade como frisam os gramáticos.

A língua não é sistema fechado, pronto e acabado, do qual podemos nos apropriar: ela é mais ampla e complexa, permite a comunicação e a interação. Para Geraldi (2002),

Uma língua é um conjunto de recursos expressivos, conjunto não-fechado e sempre em constituição. Estes recursos expressivos remetem a um sistema antropocultural de referências, no interior do qual cada recurso adquirir significação. Este sistema, também ele certamente aberto porque histórico, está sempre em modificação, refletindo as mudanças que sobre o mundo vamos produzindo na

história e nossas compreensões desta mesma história (GERALDI, 2002, p. 68).

A linguagem é o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito. Desse modo, a linguagem nesta pesquisa adquire uma função mais ampla que o simples fato de comunicar, de forma passiva e mecânica, pois se insere a perspectiva real do ato de interação dos interlocutores. Para Geraldi, “a língua é uma destas formas de compreensão, do modo de dar-se para cada um de nós os sentidos das coisas, das gentes e de suas relações” (GERALDI, 2002, p. 67).

O objetivo desse estudo não é dizer que se aplica diversas teorias e sim mostrar que não se pode desconhecer dos fatos da ciência, com uma postura equivocada sobre o estudo científico da língua, o que pode gerar “preconceitos e/ou sensações de incompetência frente à própria língua que fala” (TRAVAGLIA 2004, p. 96).

Segundo Travaglia (2004) para se escolherem as teorias a serem trabalhadas em sala de aula, se valer de critérios diversos tais como:

a. Seus objetivos para dar teoria; b. A qualidade da teoria, ou seja, se ela é capaz de descrever/explicar todos os elementos envolvidos no fato/fenômeno em observação; c. Sua simplicidade; d. Se a teoria chama a atenção para aspectos que se considera importante observar, descrever, explicar nas atividades de ensino/aprendizagem (TRAVAGLIA, 2004, p. 96)

Certamente, tudo isso tem consequências que não se pode desprezar, na estruturação do ensino de língua portuguesa e nas atividades desenvolvidas.

Desenvolver a competência comunicativa é possibilitar a utilização, de modo adequado, das variedades da língua levando o falante a utilizar o maior número de recursos disponível na língua para a comunicação competente (TRAVAGLIA, 2004, p.97)

Assim, a linguagem dever ser concebida no espaço da interação humana, uma vez que a produção de sentidos é feita numa dada situação de uso, num contexto sócio-histórico e ideológico específico. Logo, pode-se afirmar que “[...] é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito em relação a outro” (BENVENISTE, 1976, p. 286).

A esse propósito, “a língua, no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2004, p. 96). Na concepção bakhtiniana, a linguagem é entendida como um fenômeno de duas faces, articulada à história e à ideologia: cada enunciado está orientado para um interlocutor, dentro de uma situação social.

Parece evidente que o conhecimento da teoria gramatical, enquanto ciência de estudo, não tenha aplicabilidade para a maioria das pessoas e profissionais. Alguns profissionais não precisam de conhecimentos teóricos sobre a língua para exercer sua profissão. Este é um forte argumento para não se trabalhar com teoria gramatical no ensino Médio e fundamental e dizer que isto é função de curso nas áreas de Letras e Linguística. Isso pode ser verdade, uma dose de conhecimento teórico-científico da língua é necessária porque a sociedade e cultura exigem de seus cidadãos conhecimentos, embora não tenham aplicabilidade à vida prática, mas são vistos como importantes para a formação do indivíduo, cidadão.

2. INTERJEIÇÕES E AS LOCUÇÕES INTERJETIVAS EM DICIONÁRIOS E GRAMÁTICAS BRASILEIRAS

Segundo a Gramática da língua portuguesa (VILELA e KOCH, 2001), as interjeições podem aparecer em forma de palavras (“Nossa!”), de locuções interjetivas – conjunto de mais de uma palavra equivalentes – (“Só faltava essa!”) e de sons desarticulados (“Pst!”), sempre se fazendo acompanhar de sinal de pontuação indicativo de exclamação e/ou de interrogação; raramente, de reticências.

Ao consultar gramáticas de língua portuguesa, no capítulo sobre interjeições, encontra-se uma lista delas acompanhadas de seus sentidos mais comuns, porém o quadro é relativo, pois a variedade de valores de cada interjeição é muito ampla. Vejamos alguns exemplos de interjeições e locuções interjetivas acompanhadas de seus respectivos valores, segundo Campos e Assumpção (2007). Assim, apresentam-se as interjeições e as locuções interjetivas:

- **advertência** – Cuidado! Atenção!
- **alegria, alívio ou admiração** – Ah”, Puxa!
- **animação** – Coragem! Eia!
- **aplausos** – Viva! Bravo! Bem! Bis!
- **Chamamento ou apelo** – Ó! Psiu! Alô!

- **dor** – Ai! Ui!
- **desejo** – Quem dera! Queira Deus! Tomara!
- **desgosto** – Ora bolas! Ih!
- **dúvida ou suspeita** – Eu, heim?! Hum!
- **impaciência** – Puxa! Arre!
- **lamento** – Que pena! Bolas! Ah! Caramba!
- **resignação** – Paciência! Pronto! Tá!
- **satisfação** – Oba! Upa! Opa! (CAMPOS e ASSUMPÇÃO, 2007, p, 272).

De acordo com O *Dicionário Houaiss* da língua portuguesa, tem-se a seguinte definição de interjeição e locuções interjetivas:

Palavras invariáveis que exprimem sentimentos e emoções de quem fala ou escreve. Além de interjeições simples, como *ai!* e *hem?*, há também, locuções interjetivas: *puxa vida!*; *meu Deus do céu!*; *que beleza!* Têm o valor de frases isoladas (sem função sintática dentro da oração), que exprimem sentimentos e emoções. Ex.: *Droga!* Deu tudo errado! (expressão de aborrecimento); *Nossa*, como essa menina cresceu! (expressão de espanto); *Viva!* Passei de ano! (expressão de alegria) (HOUAISS, 2008, p. 25).

Na mais antiga, a *Gramática de Port-Royal* de Arnauld e Lancelot, estes definem “as interjeições como palavras que nada significam fora de nós; são apenas palavras mais naturais que artificiais, que indicam os movimentos de nossa alma, como *ah!*, *ó*, *heu!* *hélas!*, etc. (ARNAULD E LANCELOT, 1992, p. 136).

Porém, na *Moderna Gramática Portuguesa*, Evanildo Bechara define interjeições como “[...] a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos” (BECHARA, 1999, p. 330). O autor apresenta também uma lista de 15 situações e as interjeições mais comuns para cada uma delas (ex.: de exclamação: *viva!*; de admiração: *ah! oh!*; de dor física: *ai! ui!*; de satisfação: *upa! oba! opa!* etc.).

Mattoso Câmara Júnior, em seu *Dicionário de Linguística e Gramática*, define interjeição como uma:

Palavra que traduz, de um modo vivo, os estados d'alma. É uma verdadeira palavra-chave, pela qual o falante, impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada (CÂMARA JR. 1977, p. 147).

O autor identifica três tipos de interjeições e locuções interjetivas:

- a. Certos sons vocálicos, que na escrita se representam de uma maneira convencional fixa; ex.: *ah!* (onde a letra h em posição final marca uma aspiração pós-vocálica, que só aparece em português nesses casos)
- b. Verdadeiros vocábulos, já no domínio da língua; ex.: *arre!* – *olá!*;
- c. Uma locução interjetiva; ex.: *ora bolas!* – *valha-me Deus!* (CÂMARA JR., 1977, p. 147).

No livro didático *Português: contexto, interlocução e sentido* do Ensino Médio, as autoras definem “as interjeições como palavras invariáveis que exprimem sensações e estados de emocionais” (ABAURRE e PONTARA, 2010, p. 398).

Na *Gramática Reflexiva* do Ensino Médio de Cereja e Cochar (2009) define-se a interjeição como “palavra que expressa emoções, apelos, sentimentos, sensações, estados de espírito”. Para os autores, a locução interjetiva “é um conjunto de duas ou mais palavras que, juntas, desempenham o papel de interjeição. Veja o exemplo: Você ainda acha que ele virá? Que esperança?” (CEREJA e COCHAR, 2009, p. 203).

Cunha e Cintra (2008) caracterizam a interjeição como

[...] uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções. A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjetiva depende fundamentalmente do contexto e da entonação (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 605).

Como pode ser observado, para as gramáticas as interjeições estão associadas a um estado de alma, um estado emocional, isto é, à transmissão, direta e clara, de uma emoção, de um sentimento ou de expressão do pensamento.

Segundo consta em Gasparini-Bastos (2005), alguns estudos tendem a englobar em uma mesma classificação interjeições e marcadores discursivos, elementos que, segundo Fraser (1990), difere significativamente:

As interjeições apenas compartilham certas propriedades com os marcadores: são gramaticalmente periféricas e podem conter segmentos fonológicos que não aparecem em itens lexicais. Uma interjeição não é parte de uma sentença, mas uma expressão que

codifica uma mensagem inteira envolvendo o estado emocional do falante. (FRASER, 1990 apud GASPARINI-BASTOS, 2005, p. 107).

Diante dessas definições e ao analisar diferentes gramáticas, entendem-se as interjeições e as locuções interjetivas, como categoria gramatical, que recebe pouca atenção dentro dos estudos linguísticos e das gramáticas. Frequentemente, restringem-se a apresentar uma definição estereotipada com poucos exemplos.

Em geral, o tratamento dado às interjeições é pouco e sucinto com exemplos classificados sobre o enfoque da “emocionalidade”. Desta forma, Marcuschi (2007) observa que a interjeição é o “único fenômeno linguístico exclusivo da língua portuguesa falada” (MARCUSCHI, 2007, p. 133), no sentido de que mesmo quando aparece na escrita, isso acontece no contexto de diálogo, ou seja, em representação da fala.

A análise linguística não pode perder de vista os contextos em que a interação acontece. Não basta que o aluno entenda o sentido das palavras ou o valor semântico das estruturas gramaticais usadas. O recurso ao contexto de uso do enunciado é fundamental para que se entenda, além do sentido, a intenção pretendida. Ainda segundo o Marcuschi (2007), há duas razões para se excluírem as interjeições da análise linguística, a primeira é que “as interjeições não se integram à sintaxe das frases” e a segunda é que “não são palavras da língua” (MARCUSCHI, 2007, p. 135).

A ampliação da perspectiva da análise da interjeição como fator linguístico precisa acontecer. Nesse sentido, é necessário que o recurso semântico-pragmático seja interpretado de forma constante, para que se possa apreender a língua como de fato, isso acontece, na imensa heterogeneidade de seus usos e de suas formas. Na gramática de Duden (1973), o autor afirma que “as interjeições são palavras da conversação particularmente apreciadas na linguagem efetiva, na gíria e na linguagem infantil, nas fábulas, nas canções populares e nas histórias em quadrinhos” (DUDEN, 1973, p. 339)

Assim, pretende-se, neste artigo utilizar as “tiras em quadrinhos para mostrar as interjeições, por meio dos gestos e ações dos personagens nas imagens, revelar sentimentos humanos conhecidos como comportamentos estereotipados. Os gestos reiteram a fala dos personagens em uma cena conjugando linguagem verbal e não

verbal. Tornando a as “tiras em quadrinhos” atraentes para os receptores de diferentes faixas etárias. Daí a sua importância de uso na escola.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DAS INTERJEIÇÕES NAS “TIRAS EM QUADRINHOS”

Ensinar os conteúdos formais da gramática de uma língua de maneira motivadora, interessante, criativa e sempre interligando aos gêneros textuais, é preciso que se atenda a necessidade dos alunos e venha a ocorrer o processo aprendizagem de forma interpretativa e produtiva.

Dessa forma, a gramática precisa ser trabalhada com textos, para que os alunos tenham um entendimento maior da linguagem e venha a se comunicar de forma eficaz, pois sabemos que nos comunicamos através de gêneros textuais. Como apresenta Bakhtin,

Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente sua existência teórica (BAKHTIN, 1997, p.301).

Nesse sentido, o ensino da gramática deve ser trabalhado em situação de uso real, ou seja, ajudar o aluno a entender o uso de sua língua materna de maneira mais eficiente.

Considera-se nesta análise a possibilidade de refletir sobre a significação, um trabalho organizado e sistemático com a linguagem, focalizando os aspectos semânticos no tratamento dado as interjeições e contribuir para melhoria no ensino-aprendizagem.

Assim, para início de análise, utiliza-se o texto da tirinha “Professor Tantã” de Bill Yates publicada no Jornal a Folha de São Paulo de 1970.

Tira 01: Professor Tantã



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Domingo, 04 de Janeiro de 1970.

A TQ do Professor Tantã é composta de três quadrinhos com turnos conversacionais que são evidenciados na forma de balão que condensa a fala dos personagens quadro após quadro, mostrando aspectos circunstanciais – extratextuais. É possível perceber esses turnos nos quadros no momento em que a oralidade é manifestada pelos personagens com o auxílio do recurso dos balões. O turno conversacional é visto como um dos elementos centrais da conversação. Para Marcuschi (2001), “é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio” (MARCUSCHI, 2001, p. 89). No primeiro quadro, o reitor representa a fala na escrita, com aspectos próprios da oralidade: “Fiz uma aposta neste lance, Tantan!”. No segundo quadrinho podem-se perceber os elementos não verbais por meio do olhar, do movimento de cabeça realizado pelo professor e também da mudança na expressão facial devido ao que foi exposto anteriormente pelo reitor.

Segundo Ramos (2006), “a parte visual, elemento integrante dos quadrinhos, representa todo o aspecto não verbal ou para linguístico da conversação” (RAMOS, 2006, p. 6). A interjeição na expressão “PUXA, ERREI!” movimenta uma pressuposição com relação ao comportamento do personagem. Quanto à *forma* a interjeição “PUXA” é classificada como *primária* por ser um termo que constitui um enunciado independente e quanto à *função* como *cognitiva*, pois segundo Wierzbicka (1991 apud GONÇALVES, 2002, p. 341) esta interjeição exprime o estado do processo cognitivo do falante dispensando qualquer referência ao sentir e ao querer no momento em que o professor profere a interjeição. De acordo com

Câmara JR (1977), a interjeição traduz de modo vivo, os estados d'alma, procurando exprimir o estado psíquico num momento súbito. Além disso, a interjeição "PUXA" funciona como um marcador conversacional, por possuir um papel de articulação no texto, de modo a garantir sua coesão e coerência durante a interação. Segundo Urbano (1999), os marcadores "funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático" (URBANO, 1999, p. 85-86).

Nessa narrativa, no segundo quadro, o autor Bill Yates também faz uso da interjeição "PUXA" para mostrar a preocupação do professor por ter errado e feito o reitor perder a aposta, porém, no último quadrinho, o recado do reitor deixa o professor perplexo quando este revela que tipo de aposta fez e em virtude da apreciação que faz a respeito de sua habilidade. O turno representado no último balão é representado pela entonação da voz pela utilização da pontuação, como os pontos de interrogação quando o reitor fala "Perder??" e ponto de exclamação "eu Ganheil", que indica alegria do personagem. Esses marcadores conversacionais aproximam o conteúdo da fala e também a parte visual da TQ.

A expressão linguística manifestada pela interjeição "PUXA" se refere muito particularmente à *forma* como o enunciador representa o seu papel na encenação/teatralização em termos de sentido para cada situação. A interjeição individualiza-se, por um lado, pela forma que se manifesta para veicular uma determinada atitude do enunciador (GONÇALVES, 2002, p. 515) e por outro lado não é destinada a transmitir uma informação pelo alvo implícito do enunciador ao comunicar uma informação.

TIRA 02: CHICLETE COM BANANA



Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO. Domingo, 1º de julho de 1990.

A TQ Chiclete com Banana produzida por Angeli tem com título “*The Little Black Skrots*”, traduzido para o português seria “Pequenos negrinhos escrotos”. No primeiro quadrinho, o segurança afirma que não é permitida a entrada de **NEGROS**. A palavra grafada em tamanho maior e em negrito enfatiza a intensidade na sua fala e apresenta o “real”, fazendo o leitor refletir sobre o racismo. Ao conceber a TQ como gênero, considera-se não só a materialidade do texto, mas a soma entre texto e contexto, como uma prática social mediada pela linguagem, pois cada gênero está situado “em um determinado contexto de cultura, baseado em esquemas mentais das situações, que, por sua vez, são construídos a partir da experiência social, em termos de linguagem pertinente, eventos e participantes” (MOTTA-ROTH, 2006, p.146 apud CATTO; HENDGES, 2010, p. 197). Para as autoras como todo gênero discursivo, as TQ são culturalmente situadas, sendo que para que suas funções de causar graça e de criticar sejam percebidas, as mesmas devem ser interpretadas dentro dos contextos onde são publicadas.

Nesta TQ de Angeli, os personagens utilizam em seu discurso a interjeição *ah!* – como foi referenciado por Gonçalves (2002).

Quando no segundo e terceiro quadrinhos os personagens iniciam o discurso com interjeição “Ah”, que representa um grito articulado de sentido afetivo, pois serve para marcar uma atitude do locutor no seu discurso, um sentimento. A interjeição “ah!” pode estar presa à própria pessoa do locutor podendo ser utilizada com fins argumentativos, assim como no discurso dos negrinhos “*Ah, tudo bem! Nós só estamos procurando nossa irmã!*”. Percebe-se nesse quadrinho um

enquadramento à altura dos ombros da figura representada, salientando a expressão do segurança e seu estado emocional.

As TQ exploram de forma bastante recorrente a comunicação não verbal como forma de expressão, estabelecendo, assim, uma aproximação com a realidade. Percebe-se nessa TQ que o autor utilizou os gestos como verdadeiros atuantes no ato comunicativo, os quais representam a complexidade que envolve a manifestação do segurança. Segundo Eguti (2001):

Os gestos contribuem em grande parte para a comunicação entre os interlocutores. Eles são ações corporais visíveis, por meio dos quais as pessoas transmitem voluntariamente um significado. São numerosos os gestos usados pelas pessoas não só durante a fala, acompanhando ou “ilustrando” o que está sendo dito, como também os que são usados sem o acompanhamento de sons, nos quais a comunicação se faz puramente por meio do corpo (EGUTI, 2001, p. 64-65).

Apesar de contribuírem para a comunicação, os gestos, por variarem de cultura a cultura, podem também gerar problemas de interpretação por parte dos receptores da mensagem pertencentes a outro contexto comunicativo ou sociocultural.

Quanto à *forma*, essa é uma interjeição *primária* e quanto à *função* entra na categoria *apelativa*, pois os negrinhos tentam despertar a atenção do segurança. No terceiro quadrinho, os negrinhos tentam convencer o segurança de que são japoneses usando óculos escuros para disfarçar e que estão procurando sua irmãzinha “**japonezinha**” baixinha como eles. A expressão do segurança é o que provoca o efeito de humor na tira.

A interjeição “ah!” surge nessa tira numa forma física, mímica, dos personagens em seu discurso, estimulados pela situação.

A definição do sentido semântico de “ah!” assenta dois princípios:

[...] — *ah!* comporta na sua significação atestada um certo número de indicações que são muito claras sob o ponto de vista da lógica do discurso; mas a significação de *ah!* continua bastante vaga mesmo assim, particularidade que favorece o investimento mímico e afetivo mais ou menos forte do locutor no seu discurso; — as determinações complementares competem à situação de enunciação quer sejam atinentes ao contexto informativo que à

avaliação do sentimento que *ah!* é exprimir o suposto (GONÇALVES, 2002, p. 402).

O emprego da interjeição “*ah!*” obedece a regras bem precisas, mesmo que caracterize uma significação contínua e vaga quanto à função enunciativa discursiva, sendo que a interjeição não pertence à ordem do “informal e sim é um fenômeno convencional” quanto à sua forma linguística.

Portanto, no primeiro caso trata-se do valor marcado da interjeição *ah!* ; e no segundo, percebe-se o valor conversacional contido no diálogo inicial dos personagens, não há autonomia de um emprego de “*ah!*”. Segundo Gonçalves (2002) “o sentido dum valor de *ah!* pode ser conduzido a esse valor inicial, se aí, se fizer atuar uma lei de discurso (GONÇALVES, 2002, p. 403).

Segundo Marcuschi (2007), a interjeição situa-se em contextos de maior vivacidade e reproduz momentos em que uma posição pessoal é tomada ou manifestada. Vinculada aos gêneros textuais mais espontâneos em geral tem mais a ver com o envolvimento emotivo do que com a informação gramatical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de análise e de criação na perspectiva da Linguística Aplicada tem como desafio tentar aguçar a criticidade e criatividade dos alunos, ao compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Sustentando-se em teorias linguísticas atuais e procurando descobrir um caminho que oportunizasse o alcance dos objetivos pré-estabelecidos, ou seja, mostrar ao docente e ao aluno a situação ensino-aprendizagem, para poder ter resultados na interação comunicativa nos estudo sobre a língua materna no ensino aprendizagem presentes no gênero textual “tiras em quadrinhos”.

O trabalho com a gramática tem como ponto de partida uma reflexão que procura levar o aluno a construir o conceito linguístico, por meio de atividades orais e escritas, de modo que os alunos reflitam junto com o professor as respostas. Responder às questões de gramática constitui também um momento de exercitar a habilidade de transformar uma resposta mental em uma resposta escrita. Assim

atribui-se ao professor desenvolver formas de pensar novas habilidades necessárias à vida e considerar a capacidade intuitiva dos alunos.

Acredita-se que com esse estudo procurou-se atribuir, um valor significativo ao ensino produtivo na prática pedagógica no ensino das interjeições, contextualizadas ao gênero textual “tiras em quadrinhos”, elencando as emoções básicas e os atos expressivos da fala que são utilizados através da linguagem semiótica, dos traços fônicos e dos recursos prosódicos.

Abstract: This study aims to understand the use of interjections in the genre known as "comic strips". The intent of this study is to bring considerations that may contribute to the linguistic form of propositions about the use of interjections and expressive acts, characterizing senses of semantic, pragmatic interpretation of utterances in the use of linguistic, discursive in "comic strips". We chose to study these interjections in "comic strips" placements made by the teaching of grammar, because usually label the class of interjections are uncreative. The aim of this study is to show how the lessons of interjections can become a moment of pleasure and knowledge, a form of entertainment, reflection, information or even a form of expression-linguistic discourse, when it articulates with the genre "strips comic". It is hoped that this study provides grants to teachers to plan educational activities using the genre "comic strip" in the classroom, in a more comprehensive and rewarding.

Keywords: argumentative semantics, interjection, comic strips.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M, PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. **Gramática de Port-Royal**. Trad. Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Nacional, 1976.

CÂMARA Jr. Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**. Petrópolis. Vozes, 1977.

CAMPOS, Maria Inês Batista e ASSUMPÇÃO, Nivia. **Tantas linguagens: língua portuguesa: literatura, produção de textos e gramática em uso: Ensino Médio**. São Paulo: Scipione, 2007.

CEREJA, William, MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática reflexiva: volume único**. 3. ed. Reformulada. São Paulo: Atual, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DUDEN. **Grammatik der deutschen Gegenwartssprache**. 3. ed. Mannheim: Dudenverlag, 1973.

CATTO, Nathalia Rodrigues; HENDGES, Graciela Rabuske. **Análise de gêneros multimodais com foco em tiras em quadrinhos**. Signum, Londrina, nº 13/2, p. 193-217, dez. 2010.

EGUTI, Claricia Akemi. **A representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.

GASPARINI-BASTOS, S. D. Os constituintes extrafrasais na gramática funcional de Simon Dik; **Alfa – Revista de Linguística**. São Paulo, v. 49, nº 01, p. 103-121, 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. 4. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

GONÇALVES, Miguel. **A interjeição em Português**: contributo para uma abordagem em semântica discursiva. Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Lisboa, 2002.

HOUAISS – **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. **Banco de Dados**. Disponível em <<http://bd.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 11 mai. 2011.

MARCUSCHI, Luiz A. **Fenômenos da linguagem**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Da fala para a escrita**: atividade de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RAMOS, Paulo. **É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos?** Revista Intercâmbio, volume XV. São Paulo: PUC, 2006.

TRAVAGLIA: Luiz Carlos. **Gramática ensino plural**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

URBANO, Hudinilson. **Marcadores Conversacionais**. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p. 81-101.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almeida, 2001.